

# A LEITURA E A FORMAÇÃO DA PESSOA SEGUNDO HUGO DE SÃO VITOR

Diucimara Deganello<sup>1</sup>

A leitura é um instrumento de fundamental importância para a formação acadêmica. Assim, este trabalho de conclusão de curso<sup>2</sup> tem como objetivo destacar na obra *Didascálicon*: da arte de ler, a leitura como instrumento na formação social, do século XII, de Hugo de São Vitor. Saliente-se que diversas regiões do Ocidente, neste período, passavam por profundas transformações, sejam elas no âmbito da educação, da economia, da política e da cultura. O mestre Vitorino vivenciou estas mudanças e apresentou a leitura como um aspecto importante na e para a formação da pessoa. O autor enumera três regras necessárias para a leitura: saber o que se deve ler; em que ordem se deve ler, ou seja, o que ler antes, o que ler depois e, por fim, como se deve ler. Ao definir estes três princípios como essenciais, o Mestre Vitorino indicou os caminhos para se alcançar a sabedoria que, para ele, era a Sapiência. De acordo com o autor, com ela conhecemos a nós mesmos e, ao nos conhecermos, podemos usar o nosso conhecimento para discernir, dirimir e definir nossos atos cotidianos. Com efeito, ao seguirmos as pegadas de Hugo, observamos que a leitura, para ele, seria o caminho para a formação ética do homem medieval de seu tempo. Assim, este trabalho será realizado por meio de um estudo bibliográfico devido à formação do professor pressupor bases sociais e teóricas. Nesse sentido, ao estudarmos um autor da Idade Média acreditamos que estamos retomando o passado para que, deste tenhamos conhecimento sobre a formação de pessoas do outro tempo histórico distinto do nosso.

Palavras-chave: **Leitura. Hugo de São Vitor. História da Educação na Idade Média.**

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é tecer considerações sobre as contribuições de Hugo de São Vitor para a Educação. Ele destaca em sua obra *Didascálicon: Da Arte de Ler*, a leitura como instrumento para formação das pessoas apresentando à disciplina, o método e a organização, como forma de realizá-la. Todavia, acreditamos que este debate feito por Hugo de São Vitor ainda é importante nos dias atuais.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá-Paraná.

<sup>2</sup> Orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Terezinha Oliveira.

Destacaremos como a ética e a educação eram ensinada por meio da leitura. Para o mestre Vitorino, ela é um modo de viver, sendo preciso impor regras para realizá-la como, por exemplo, saber o que ler, em que ordem deve-se ler e como se deve ler. Ao definir estes três princípios como sendo os iniciais e fundamentais, para o processo de formação da pessoa, o mestre indica os caminhos para se alcançar a sabedoria. Verificaremos, assim, como o mestre explicita, valoriza e propõe a formação ética do homem medieval do século XII, por meio da leitura.

Esse período estava passando por diversas transformações em diferentes âmbitos, principalmente na educação. Assim, faz-se necessário que, para compreendermos a proposta de Hugo de São Vitor, entendamos um pouco da história medieval e suas transformações.

Com o fim das invasões, segundo Guizot (2005), por volta do século X, à civilização presencia a estabilização do regime feudal e, com ele, o início do desenvolvimento comercial, por meio do trabalho artesanal, criando assim, novas cidades e com elas o surgimento de novas relações sociais.

No momento em que a feudalidade já estava bem estabelecida, quando cada homem tomou seu lugar, fixando-se na terra, quando a vida errante cessou, ao final de certo tempo, as cidades recomeçam a adquirir alguma importância, desenvolvendo-se nelas, novamente, alguma atividade. Como vocês sabem, dá-se com a atividade humana algo semelhante ao que ocorre com a fecundidade da terra: cessada a desordem, tudo volta a germinar e a florir. Basta o menos clarão de ordem e paz e o homem retoma a esperança, e com a esperança o trabalho. É isso que ocorreu nas novas cidades; desde que o regime feudal se assentara um pouco, surgiram, entre os possuidores de feudos, novas necessidades, certo gosto pelo progresso, pelo melhoramento. Para satisfazê-las, um pouco de comércio e de indústria reapareceu nas cidades localizadas nos domínios desses senhores; a riqueza, a população, nelas reaparece. (GUIZOT, 2005, p.34-35).

Na citação, podemos observar o início da construção das cidades que estavam por serem formadas no Ocidente. Elas foram uma das principais manifestações do homem no período e um dos motivos essenciais para o desenvolvimento social, marcada pelo mundo urbano. Principalmente para o artesanato, que antes era uma prática local, mas com o novo ritmo das atividades comerciais, os artesões começaram a produzir para realizar trocas comerciais.

Segundo Le Goff (1992), o surgimento das cidades causou o aumento das tensões, precipitou as trocas, ocasionando mudanças significativas na vida do

homem, que pôde conhecer outras maneiras de satisfazer as necessidades da civilização. Assim, as cidades conheceram, ao longo de um século e meio, um intenso crescimento comercial e urbano.

Outro aspecto importante que Le Goff (1992) destaca é o papel que as muralhas tiveram no desenvolvimento das cidades, por serem elemento fundamental da base material da identidade urbana, estabelecendo assim, a relação dialética<sup>3</sup> entre seu interior e exterior, bem como da realidade física e simbólica das cidades medievais.

[...] A cidade medieval situa-se entre dois tipos de cidades que souberam, com ou sem muralha, separar-se radicalmente do campo: a cidade antiga, que vivia na oposição *urbs/rus* e mantinha a rusticidade no exterior, e a cidade industrial e pós-industrial, que devorou o campo. Em ambos os casos, o que permanecia de “natureza” não passava de uma “imitação” sofisticada da natureza – os jardins na Antiguidade, os “espaços verdes” hoje. A cidade medieval permanece mesclada ao campo, deixando fora de suas muralhas subúrbios e um arrabalde plantado no campo, acolhendo no interior de seus muros, em compensação, pedaços de campo, terrenos cultivados, prados, espaços vazios e, ocasionalmente, camponeses refugiados (LE GOFF, 1992, p. 15).

A cidade medieval ao desenvolver-se, tornou o centro de comércio e artesanato. Para essa mudança acontecer, exigiu do homem novo comportamento e conhecimentos, fundamentais para as atividades comerciais. Assim, surgiram novas necessidades na sociedade.

Nesse sentido, Pirenne (1964) destaca que para esse homem é preciso que, aprenda, além de ler, escrever e fazer cálculo, conhecer outras ciências, como por exemplo, a história e a geografia que são fundamentais para realizar as transações comerciais.

Dessa forma, Hugo de São Vitor destaca em sua obra que, o ser humano é homem pelo conhecimento e virtude. Com isso, para adquirir conhecimento e chegar à sabedoria, que nesse período aproximava-se de Deus, é por meio da leitura, mediante o trabalho manual e intelectual.

Portanto, a obra *Didascálicon* foi considerada um livro pedagógico e também um texto de filosofia de educação por direcionar aos estudantes desse período, um quadro geral de estudo e disciplina. Além de definir as qualidades necessárias para tornar-se um bom estudante.

---

<sup>3</sup>Arte de dialogar. É um método cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que leva outras ideias. Isto é, o caminho entre as ideias.

Assim, Hugo de São Vitor (2001) introduz uma grande novidade nesse período, acrescenta à filosofia às ciências mecânicas, pois “[...] a filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. II c. 1 § 1), ou seja, a filosofia faz parte do conhecimento que cuida de tudo referente à prática humana. Dessa maneira, o autor percebe que era preciso valorizar também o agir manual para atender às novas exigências da cidade medieval.

Você já pode ver por qual motivo somos obrigados a alargar a filosofia para todos os atos dos homens, de modo que já é necessário haver tantas partes da filosofia, quantas são as diversidades das coisas, às quais, como ficou claro, ela se refere (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I c. 5 §).

Verifica-se que a filosofia é amor a sabedoria. Com isso, a finalidade e a intenção de todas as ações e esforços humanos são guiadas pela *Sapiência* para adquirir conhecimento e restabelecer a integridade de nossa natureza. Por isso antes de tudo é necessário dedicar-se ao estudo das artes e das ciências, no qual estão os fundamentos de todos os campos do saber, manifestando a verdade pura e simples.

Nesse sentido é em virtude do novo ambiente citadino que Hugo de São Vitor apresenta seu programa de leitura e aponta a necessidade, cada vez maior, do conhecimento. Assim, ao mesmo tempo em que indica os textos sagrados para alcançar a sabedoria, prioriza também à importância das atividades práticas, sejam elas intelectuais ou mecânicas.

Pela leitura desta obra podemos afiançar o crescimento econômico das cidades modificou por definitivo o período medieval.

Foi no século XII que esta penetração, progredindo gradualmente, transforma, em definitivo, a Europa Ocidental. Libertou-a do tradicional imobilismo a que a condenava uma organização social que unicamente dependia das ligações do homem com a terra. O comércio e a indústria não se limitam a tomar uma posição ao lado da agricultura, mas agem sobre ela. Os seus produtos não servem só para o consumo dos proprietários e trabalhadores do solo: são arrastados na circulação geral, como objetos de permuta ou matérias-primas. Os quadros do sistema feudal, que tinham, até então, encerrado a atividade econômica, quebram-se e toda a sociedade se impregna de um caráter mais maleável, mais ativo e mais variado. De novo, como na Antiguidade, o campo se orienta para as cidades. Sob a influência do comércio, as antigas cidades romanas reanimam-se, repovoam-se, aglomerações de mercadores agrupam-se juntos dos burgos, estabelecem-se ao longo das costas marítimas, nas margens dos rios, na confluência das ribeiras, nos

pontos, de encontro das vias naturais de comunicação (PIRENNE, 1964, p. 87-88).

O desenvolvimento comercial urbano facilitou a comunicação entre o campo e a cidade, permitindo as pessoas que residiam no meio rural adquirir produtos comercializados na cidade. Dessa forma, ocasionou o nascimento da divisão do trabalho, que até esse momento não existia.

De acordo com Duby (1980), os camponeses vinculados ao senhor feudal, não conseguiam migrar para a cidade. Em face desta nova realidade os senhores feudais começaram exigir a produção além de suas necessidades para vender seu trabalho, “[...] libertando assim parte da mão-de-obra rural para outras tarefas” (p.110), dentro dos limites feudais.

Segundo Duby (1980), essas mudanças também possibilitaram modificações significativas na agricultura, substituindo os bois que puxavam o arado, pelos cavalos. A utilização do metal se tornou muito comum na agricultura, por meio do aperfeiçoamento do arado e da junta. Com isso, introduziram-se na sociedade, trabalhadores especialistas na utilização do metal, sendo fundamental para o progresso econômico.

Ainda conforme o autor, a prosperidade do campo ocasionou o crescimento urbano, ao canalizar os produtos excedentes para as cidades, fazendo com que as cidades se desenvolvessem rapidamente quando vinculada ao campo.

Outro aspecto importante em relação às transformações no Ocidente refere-se à educação. Antes era destinada aos religiosos, nobres e aos cavaleiros, porém com o desenvolvimento do comércio isso mudou, pois os filhos dos burgueses e mercadores, artesãos, dentre outros, passaram a frequentar as escolas.

Segundo Pirenne (1968), o renascimento comercial foi responsável pela criação das primeiras escolas para os filhos dos burgueses. A princípio eles frequentaram as escolas monásticas, no qual aprendiam os rudimentos necessários do latim para a correspondência comercial. Aos poucos, perceberam que era preciso um conhecimento mais amplo, com atenção aos conhecimentos práticos, exigidos pela vida comercial. “[...] as cidades, abriram, na segunda metade do século XII, pequenas escolas que se podem considerar como o ponto de partido do ensino leigo<sup>4</sup> na Idade Média” (p. 129).

---

<sup>4</sup> Que está ligado à religião, mas não pertence ao corpo de sacerdotes.

Para Le Goff (1992), as escolas religiosas, em contato com as cidades que estavam se desenvolvendo, transformaram-se profundamente. Essas mudanças ocasionaram a criação de escolas destinadas às crianças burguesas, pois precisavam de um conhecimento mais amplo, como mencionado anteriormente.

Em meados do século XII, os conselhos municipais se preocuparam em fundar para os filhos da burguesia escolas que são as primeiras escolas laicas da Europa desde o fim da Antiguidade. Por elas, o ensino deixa de conceder seus benefícios exclusivamente aos noviços dos mosteiros e aos futuros padres das paróquias (LE GOFF, 1992, p.197).

Essas escolas foram para os burgueses uma imensa conquista, pois elas passam, além de ensinar preceitos religiosos, a ensinar também saberes próprios para uma vida nesta sociedade que adquiria contornos urbanos e comerciais. Evidencia-se, assim, que as transformações ocorridas no século XII, proporcionaram mudanças significativas no modo de viver, agir e pensar dos habitantes presentes nas cidades medievais.

## **CONTRIBUIÇÕES DE HUGO DE SÃO VITOR**

Nesse sentido, as contribuições de Hugo de São Vitor foram fundamentais para educação medieval. Ele apresenta, em seu livro *Didascálicon: Da arte de Ler*, a leitura como instrumento para formação da pessoa, sendo necessário ter organização e método para realizá-la.

Hugo de São Vitor (2001), no século XII, destaca que ao percorrermos o caminho da leitura a primeira coisa a ser buscada é a *Sapiência*<sup>5</sup>, por ela ser a nossa origem, ou seja, conhecendo-a, conhecemos a nós mesmos. “De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a *Sapiência*, na qual reside a forma do bem perfeito” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I c. 1 § 1). Portanto, nesse período, a leitura foi o caminho a ser percorrido pelas pessoas que buscavam aprimorar o conhecimento.

Segundo Hugo de São Vitor (2001), a mente do homem ao ser iluminada pela *Sapiência*, volta-se ao seu princípio. Assim, não é preciso procurar em outros lugares sua origem, pois é suficiente aquilo que ele é. “[...] De fato, o homem que

---

<sup>5</sup> Para o Mestre Vitorino a *Sapiência* é a mente divina.

não esqueceu a sua origem sabe que é nada, tudo aquilo que é sujeito à mutabilidade” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I c. 1 § 3).

Assim, a leitura é condição fundamental para alcançar a sabedoria e chegar até Deus<sup>6</sup>. A qual pode ocasionar mudanças no conhecimento e comportamento, pois a mente do homem é capaz de absorver todas as coisas.

De acordo com Hugo de São Vitor (2001), a *Sapiência* também foi chamada de filosofia, por ser considerada uma disciplina de doutrina das coisas que eram verdadeiras e possuíam substâncias imutáveis. A filosofia é

“[...] o amor, a procura, e uma certa amizade para com a *Sapiência*, mas não aquela sabedoria que se ocupa de tecnologias e de ciências produtivas, e sim aquela *Sapiência* que, não carecendo de nada, é mente viva ( HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I c.2 § 2).

Para o autor, ao conhecer a filosofia o homem assegura a verdade de seu pensamento e atos. Nesse sentido, a *Sapiência* conduz a atos bons e verdadeiros, podendo definir o caráter humano. No entanto, existe no homem também o mal, que leva a praticar atos ruins, que prejudica, ofende aos outros e a si próprio. Isto é, que se opõe à virtude, à moral, ao direito e à justiça.

[...] O bem, sendo que é a natureza originária, visto que ficou diminutivo, deve ser restabelecido através do empenho pessoal. O mal, dado que é depravação, dado que corrupção, sendo que não é natureza originária, deve ser extirpado. E se não pode ser extirpado pela raiz, pelo menos deve ser reprimido com a aplicação de um remédio. Isto é exatamente aquilo que deve ser feito para que a natureza seja recuperada e o vício eliminado (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I c. 5 § 2).

Portanto, a leitura faz parte de todos os atos humanos. Deste modo, todas as ações e esforços são guiados para e pela *Sapiência*. Assim, ao seguirmos os passos do autor, para adquirirmos a virtude, seja ela intelectual ou moral, é preciso percorrer o caminho da leitura, para alcançarmos a sabedoria e o conhecimento.

[...] a finalidade de todas as ações humanas é direcionada para dois fins: 1) ou para que em nós seja reparada a imagem divina, 2) ou para que se proveja às necessidades desta vida, a qual, quanto mais pode ser danificada pelas adversidades, tanto mais precisa ser nutrida e conservada (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I c. 7 § 2).

---

<sup>6</sup> Nesse período, a sabedoria provinha de Deus.

Segundo Hugo de São Vitor (2001), o homem ao ser sábio e justo é semelhante a Deus, mas para isso ocorrer é necessário a especulação da verdade, a investigação dos fatos, o exercício da virtude e ser humilde para realizar todas suas ações, assim como 'nutrir e conservar a vida', que se dá mediante ao trabalho. Por não separar o mundo da religiosidade do mundo do trabalho, o mestre Vitorino destaca que os homens devem usar a inteligência e conhecer as ciências, para discernir seus atos e pensamentos.

A inteligência, por sua vez, dado que trabalha: a) na investigação da verdade e b) na reflexão sobre os costumes, é dividida em duas partes: 1) uma teórica, ou seja, especulativa, 2) a outra prática, ou seja, ativa, e esta se chama também ética, ou seja, moral (L. I c. 8 § 5).

A ciência, por outro lado, dado que realiza as ações humanas, apropriadamente é chamada mecânica, ou seja, adúlterina (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I c. 8 § 6).

Nesta citação, percebe-se como Hugo de São Vitor valoriza as ações humanas, tanto a teórica (inteligência), como a prática (bem comum). Contudo, para pô-las em prática é necessário também o uso da lógica, (é uma maneira de raciocinar com clareza) por ser fundamental para discutir sobre as coisas, os acontecimentos. Para isso é necessário saber antes qual o raciocínio que assegura o caminho certo das discussões e não apenas os aspectos que têm aparência verdadeira.

A lógica, portanto, é última no tempo, mas primeira na fila. Ela é a primeira a dever-se estudar pelos iniciantes na filosofia, pois nela é ensinada a natureza das palavras e dos conceitos, sem os quais nenhum tratado de filosofia pode ser explicado de maneira racional (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I. c. 11 § 3).

Para o Mestre Vitorino, a lógica é ensinada pela natureza das palavras e dos conceitos. Assim, as quatro ciências que abrangem todas as outras são:

[...] 1) a teórica, que trata das investigações da verdade, 2) a prática, que estuda a disciplina dos costumes, 3) a mecânica, que ordena as ações desta vida, e enfim 4) a lógica, que ensina a falar corretamente e a disputar agudamente (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. I. c. 11 § 7).

Dessa forma, o autor introduz, no século XII, na divisão do saber, as ciências mecânicas, isto é, o trabalho manual. A ciência pode ser interpretada de duas formas, como disciplina ou como um conhecimento que faz parte da filosofia. Assim,

ao direcionar-se para o estudo, deve-se investigar e comparar as coisas que entendeu menos, para depois estar seguro nas discussões e não ter medo de errar. Com isso, ele destaca características necessárias e essenciais aos estudantes desse período.

Três coisas são necessárias aos estudantes: 1) as qualidades naturais, 2) o exercício e 3) a disciplina. As qualidades naturais, para que entenda facilmente aquilo que ouve e memorize firmemente aquilo que entendeu. O exercício, para que eduque as qualidades naturais mediante o trabalho e a persistência. A disciplina, para que, vivendo de modo louvável, harmoniza a conduta com o saber (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. III c. 6 § 1).

Hugo de São Vitor destaca, nessa citação que ao se dedicar ao saber teórico é preciso dispor, ao mesmo tempo, de inteligência (que descobre) e de memória (que guarda a sabedoria), pois se uma faltar não é possível atingir a perfeição, porque estão interligados uma a outra. Assim, o exercício da inteligência se dá mediante duas atividades:

[...] a leitura e a meditação. Na leitura, a partir de quanto foi escrito, ficamos formados nas regras e nos preceitos. E há três tipos de leitura: 1) do docente, 2) do discente e 3) do autodidata. De fato, nós dizemos “leio um livro para ele” e “leio um livro apresentado por ele” e “leio um livro”. Na leitura devem ser tidos em máxima consideração a ordem e o método (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. III c. 7 § 3).

Todavia, a meditação é uma reflexão, um pensar mais frequente, com discernimento:

[...] ela investiga prudentemente a causa e a origem, o gênero e a utilidade de cada coisa.

A meditação começa com a leitura, mas não se amarra a nenhuma regra ou prescrição da leitura. Ela se deleita em correr pela campina aberta, onde fixa o livre olhar para a verdade a ser contemplada, e deleita-se em examinar ora estas ora aquelas causas, em penetrar as coisas profundas, em deixar nada ambíguo, nada obscuro (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. III c. 10 § 1-2)

Assim, segundo o Mestre Vitorino, o início da aprendizagem consiste na leitura e o fim, na meditação. Portanto, há três tipos de meditação:

[...] O primeiro consiste no exame da conduta, o segundo no conhecimento minucioso dos mandamentos, o terceiro na investigação das obras divinas. A conduta consiste nos vícios e nas virtudes. O mandamento divino é ora preceptivo, ora promitente, ora aterrador. É obra de Deus seja aquilo que sua potência cria, seja

aquilo que a sua *Sapiência* guia, seja aquilo que a sua graça reforça (L. III. c. 10 § 4).

Todas estas coisas, de quanta admiração elas sejam dignas, tanto mais o sabe o homem, quando mais atentamente acostumou-se a meditar as obras admirandas de Deus (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. III c. 10 § 5).

Nesse sentido, ao realizar a leitura deve-se observar sua ordem, nas disciplinas (dependendo da natureza da disciplina) ou nos livros (segundo o autor ou da matéria relacionada), ou na narração (de acordo com a disposição, podendo ser natural ou artificial), ou na exposição de textos (obedecem ao nível de informações).

Hugo de São Vitor (2001) destaca que o modo de ler consiste na organização do estudo, pois o início da aprendizagem ocorre pelas coisas mais conhecidas, determinadas e abrangentes mas, aos poucos, o homem vai conquistando o saber e aumentando o repertório. Para depois, por fim, abrangermos as coisas singulares, investigando a natureza das coisas aí contidas. Isto é, é preciso começar do que conhecemos para tornar o conhecimento mais amplo por meio da leitura.

Por isso, aconselho a você, estudante, a não alegrar-se excessivamente por ler muitas coisas, mas por entender muitas coisas, e não somente entender, mas, poder memorizar. Do contrário, não adianta ler muito nem entender muito. Razão pela qual repito quanto disse acima, isto é, que as pessoas que se dedicam ao estudo necessitam de engenho e de memória (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. III c. 11 § 4).

Dessa forma, é importante ao estudante sempre se lembrar que a inteligência investiga e descobre, enquanto a memória guarda resumindo. Desenvolver a memória é fundamental para definir a comunicação entre as pessoas. Assim, ao escrevermos o que lemos, estamos criando possibilidades de registros em nossa memória, pois esta nos permite transpor barreiras, levando-nos para tempos distintos do nosso, por meio da história. Somente sabemos o que ocorreu em outras épocas, devido às pessoas lembrarem os acontecimentos e o narrarem, ou seja, é por meio da memória que compreendemos a organização da sociedade desde os tempos primitivos, especialmente a memória escrita.

Por isso, a importância da leitura para formação da pessoa, por permitir conhecer e compreender outros tempos distintos do nosso. Mas para realizá-la é fundamental ter disciplina e organização.

O começo da disciplina moral é a humildade, da qual existem muitos ensinamentos, três dos quais interessam mais ao estudante: 1)

primeiro não reputar de pouco valor nenhuma ciência e nenhum escrito; 2) segundo, não ter vergonha de aprender de qualquer um; 3) terceiro não desprezar os outros depois de ter alcançado o saber (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. III c. 13 § 1).

Na prática da leitura, os estudantes precisam ser humildes e não desprezarem escrito algum. Assim, quando estiverem livres leiam alguma coisa, pois todo escrito propõe algo desejável. É preciso ouvir todos com prazer, ler de tudo, não desprezar nenhum escrito, nem pessoa e tão pouco doutrina alguma, pois, todo conhecimento é importante por ser bom.

O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrita algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Pede indiferentemente de todos aquilo que vê estar-lhe faltando, nem leva em conta quanto sabe, mas quanto ignora (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. III. c. 13 § 5).

Portanto, se não pode ler todas as obras, leia as mais úteis para sua formação, pois,

O bom estudioso deve ser humilde e manso, afastado totalmente das preocupações vãs e dos ilícitos das volúpias, diligente e constante, para que aprenda com prazer de todos, nunca presuma de sua ciência, fuja dos atores de doutrinas perversas como do veneno, aprenda a refletir longamente sobre alguma coisa antes de julgá-la, não queira aparecer doto, mas sê-lo, ame os ensinamentos aprendidos dos sábios e procure tê-los sempre diante dos olhos como espelho do seu próprio rosto. E se, por acaso, certas coisas mais obscuras não são admitidas por sua inteligência, o bom estudioso não prorrompa em impropérios, como se crese que nada é bom a não ser aquilo que ele pode entender. Esta é a humildade da disciplina dos estudantes (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. III c. 13 § 10).

Dessa forma, é importante seguir os quatro conselhos destinados à disciplina e ao exercício. O primeiro diz respeito a harmonia da vida, para que tanto no interior ou no exterior da mente não se busque desejos ilícitos e, sim, seja permitido o trabalho de estudos honestos e úteis, no qual pertence à disciplina moral. No que diz respeito a meditação, esta é uma análise minuciosa, pertence ao exercício que se faz presente na dedicação aos estudos, seja por meio do trabalho ou por meio da meditação.

Ao dedicar-se aos estudos é preciso não ir ao alcance das coisas supérfluas, sem valor, mas procurar a virtude de seus atos, mesmo que isso signifique aprender devagar.

Nesse sentido, Hugo de São Vitor (2001) apresenta aos estudantes deste período, principalmente a leitura dos livros sagrados<sup>7</sup>, destacando o número e ordem dos livros, seus autores e tradutores, o novo testamento, os significados dos nomes dos livros Sagrados, concílios, escritos autênticos ou apócrifos.

Não deve ser incômoda ao estudante diligente a nossa exposição tão variada e minuciosa sobre o número, a ordem e os nomes das Sagradas Escrituras, porque pode acontecer que estas coisas pequenas, quando ignoradas, escurecem o conhecimento de coisas grandes e úteis. É bom que o estudante fique livre disso de uma vez, de modo que, uma vez escancaradas estas coisas logo no começo como se fossem portas, com passo livre, ele possa percorrer o caminho que se propõe e não deva, a cada novo livro da Escritura, procurar novamente os princípios elementares (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V c.1 § 1).

Outro ponto destacado pelo Mestre Vitorino aos estudantes é, antes de ler a Sagrada Escritura é preciso saber que existem três modos de entendê-la. Primeiro, o modo histórico, segundo, o modo alegórico e o modo tropológico<sup>8</sup>.

Contudo, nem todas as leituras da Sagrada Escritura, devem ser forçadas a terem essas interpretações, pois muitas palavras divinas foram mencionadas para serem interpretadas espiritualmente e outras servem para o cotidiano. Assim,

[...] de modo admirável, toda a Sagrada Escritura foi adequada e disposta em todas as partes da *Sapiência* de Deus, para que tudo quanto é contido nela faça ecoar, à maneira das cordas, a suavidade do entendimento espiritual (L. V. c. 2 § 3).  
Também o mel dentro do favo é mais agradável, assim como com maior satisfação é encontrado aquilo que com maior empenho foi buscado. Por isso, é necessário tratar as Escrituras Sagradas de modo a não procurarmos em todo o lugar a história, nem em todo lugar a alegoria, nem em todo lugar a tropologia, mas a situar com competência cada uma delas em seus lugares, como a razão pede. Frequentemente, todavia, no mesmo texto podem ser encontradas as três juntas, como quando a verdade *histórica* insinua algo místico

---

<sup>7</sup> A educação do século XII, principalmente a que Hugo de São Vitor transmitia, era voltada para as coisas de Deus. Mas isso não quer dizer que era somente permitido esse estudo, mas sim, os que eram importantes para formação das pessoas e para a prática do comércio.

<sup>8</sup> O modo tropológico, ou seja, a moralidade, parece relacionar-se mais o significado das coisas que o significado das palavras. Assim, o significado das coisas encontra-se aquela justiça natural, segundo Hugo de São Vitor, origina-se a nossa disciplina moral, uma justiça positiva. Dessa forma, “Contemplando aquilo que Deus fez, conhecemos aquilo que devemos fazer. A natureza inteira fala de Deus, toda a natureza ensina ao homem, toda a natureza produz razão, e nada no universo é infecundo” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. VI. c. 5. § 3).

através da *alegoria*, e igualmente demonstra pela *tropologia* o que deve ser feito (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V. c. 2 § 4).

Portanto, é fundamental tratar as Sagradas Escrituras de modo a não procurar em todo lugar somente a história ou a alegoria ou a tropologia. Mas sim procurar todas juntas nos textos, por terem diversos significados. É preciso compreender que, segundo Hugo de São Vitor, o significado das coisas é mais extraordinário do que o das palavras, pois o significado das coisas é a voz de Deus ao homem e o significado das palavras é a voz do próprio homem.

[...] A razão da mente é a palavra interna, que se manifesta pelo som da voz, isto é, pela palavra externa. Mas a *Sapiência* divina, que o Pai emitiu do seu coração, invisível em si, é conhecido pelas criaturas e nas criaturas. Disto se deduz admiravelmente quão profundo entendimento deve ser exigido nas Escrituras Sagradas, aonde pela palavra se chega ao conceito, pelo conceito à coisa, pela coisa à razão, pela razão à verdade. Os menos eruditos, por não levar em conta este dado, acham que nas Escrituras não existe alguma sutilidade na qual os engenhos possam exercitar-se, e por esta razão se voltam para os escritos dos filósofos pagãos, pois, de fato, nas Escrituras não enxergam outra coisa senão a superfície da palavra, ignorando a força da verdade (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V c. 3 § 2).

Assim, verifica-se que ao realizar a leitura é necessária a meditação, pois favorece a compreensão das palavras, seja nas Sagradas Escrituras ou em outros textos. Além de ter organização e método, no qual Hugo de São Vitor apresenta o modo e a ordem da leitura, “[...] o estudante deve ser primeiro instruído sobre aquilo que deve evitar, e depois deve ser informado sobre como levar a termo aquilo que deve ser feito” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V. c. 5 § 1).

Ao estudante que queira adquirir conhecimento e alcançar a sabedoria é preciso empenhar-se e dedicar-se, com afinco, aos estudos. Mas é importante saber que em qualquer trabalho são necessárias duas coisas:

[...] a aplicação e o método da aplicação, e estas duas coisas são tão conexas entre si, que uma sem a outra é inútil ou pouco eficiente. Com efeito, se diz que “a prudência é melhor que a força”, porque às vezes levantamos com a habilidade os pesos que não podemos mover com as força físicas. O mesmo se dá em qualquer estudo. Aquele que trabalha sem método, trabalha muito, sim, mas não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento. Repare em duas pessoas atravessando o bosque, uma suando através de desvios, a outra escolhendo os atalhos de um traçado reto: fazem o percurso com o mesmo ritmo, mas não chegam no mesmo tempo. E o que denominaria eu a Escritura senão uma floresta, cujas frases

colhemos na leitura como se fossem frutos dulcíssimos e as ruminamos na reflexão? Aquele, portanto, que em tão grande multidão de livros não mantém um método e uma ordem de leitura, este, como se vagueasse na densidade da floresta, perde o caminho do percurso certo “sempre estudando – como se diz – nunca chegando ao saber”. O método é tão importante, que sem ele qualquer ócio (dedicação ao estudo) é torpe e todo trabalho inútil. Oxalá todos nós abracemos esta convicção! (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V c. 5 § 3).

Dessa maneira, Hugo de São Vitor (2001) destaca três aspectos importantes que costumam opor-se ao estudo: a negligência, que ocorre quando deixamos de lado o que deve ser aprendido, devendo ser repreendido; a imprudência, que ocorre quando não mantemos a ordem e o método apropriado no que aprendemos, devendo ser instruído e, por fim, a má sorte que se dá por algum evento de causa natural, ocasionando a corrupção desta natureza, devendo o estudante ser ajudado.

Ao dedicar-se ao saber somos provocados pelo seu fruto, ou seja, o estudo guia e instrui a mente com o conhecimento ou a adorna com os bons costumes. Este conhecimento é oferecido de duas maneiras segundo Hugo de São Vitor, pelo exemplo e pela doutrina. Assim, ao adentrar no caminho da leitura é preciso ser instigado por ela.

Aquele que entrou neste caminho deve ser provocado, nos livros que lê, não somente pela cor do estilo, mas sobretudo pela emulação das virtudes, para que o agrade não tanto a pompa e a sonoridade das palavras quanto à beleza da verdade. Saiba também que, se estiver tomado pelo desejo vão da ciência, não o conduz ao seu objetivo a procura de passagens obscuras e de difícil compreensão, nas quais o ânimo é mais ocupado que edificado, tal que a leitura, sozinha, o ocupe a tal ponto que o obrigue a ficar longe das boas obras (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V c. 7 § 3).

Portanto, ao realizar a leitura é necessário encontrar o saber e a virtude. Com isso, a leitura não deve ser motivo de aborrecimento, mas de contentamento, buscando a verdade dos fatos e não somente a pompa das palavras.

Hugo de São Vitor (2001) deixa claro que é possível aos leitores serem dignos de louvor, ao aprenderem com prazer. Contudo, a leitura também pode ser causa de aborrecimento, dependendo de sua qualidade e do seu conteúdo.

[...] Se, todavia, você deseja ser doutor, escute o que fazer: a humildade do seu hábito e a simplicidade do rosto, a inocência da vida e a santidade do seu falar devem ensinar os homens. [...] A leitura pode ser para você um exercício, mas não um propósito. A instrução é boa, mas é dos principiantes. Você, ao contrário, havia

prometido de tornar-se perfeito, e por isso não lhe basta igualar-se aos principiantes. É necessário que você faça mais. Considere, portanto, onde está, e saberá facilmente aquilo que deve fazer (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V c. 8 § 3).

Dessa forma, para alcançar o saber é preciso de discernimento, instrução, meditação, oração e esforço.

Se, portanto, você lê e tem o entendimento e já sabe o que deve ser feito, isto é o começo do bem, mas ainda não lhe basta, ainda não é perfeito. (L. V c. 9 §4).

Suba, portanto, para a fortaleza do discernimento, e medite como conseguir cumprir as obrigações que aprendeu. Muitos, com efeito, têm o conhecimento, mas poucos sabem de que maneira é oportuno praticar o conhecimento (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V c. 9 § 5).

Observa-se, com o autor, que nada na vida conseguimos sozinhos, sempre precisamos do auxílio de outras pessoas. Assim, a boa obra é a via pela qual podemos alcançar a sabedoria. “Você vê, portanto, como a perfeição vai de encontro aos que ascendem por estes degraus, de modo que quem ficou embaixo não pode ser perfeito” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. V c. 9 § 9).

Hugo de São Vitor (2001) demonstra em sua obra como as Escrituras devem ser lidas por aqueles que ainda estão buscando o conhecimento. Para alcançar o conhecimento e ter discernimento é necessário percorrer o caminho da ordem e do método, pois quando este é realizado, com afinco, abrirá facilmente o caminho do saber por meio da leitura.

Por isso que Hugo de São Vitor (2001) diz que para se tornar um sábio é necessário que não se despreze nada. Como nas virtudes, também nas ciências, existem degraus a serem vencidos: é preciso analisar tudo o que aprendemos, pois existem coisas que estudamos e pensamos que não tem utilidades, mas quando comparada à outras coisas as quais estão ligadas, observamos que são necessárias e procedentes. “Aprenda tudo, e verá depois que nada é supérfluo. O saber limitado não é alegre” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. VI c. 3 § 4).

Assim, Hugo de São Vitor destaca os métodos de interpretação da leitura no qual é preciso examiná-las com grande discernimento, para não interpretar de forma inadequada o sentido das palavras.

É isto, estudante, aquilo que lhe propomos. Este campo do seu trabalho, bem sulcado com o arado, lhe trará muitos frutos. Todas as coisas foram realizadas com ordem: proceda com ordem. Pela

sombra se chega ao corpo: aprenda as imagens, e encontrará a verdade. Não quero dizer agora que você primeiro deve empenhar-se a decifrar as imagens do Antigo Testamento e a escutar seus ditos místicos, antes de aceder às fontes do Evangelho, das quais beber. Mas, como você observa que toda edificação sem fundamento não pode ser estável, o mesmo se dá no estudo. E o fundamento e o princípio da ciência sagrada é a história, da qual deriva a verdade da alegoria, como o mel do favo. Dispondo-se a edificar, portanto, “primeiro ponha o fundamento da história, depois, por meio da significação simbólica, erga o edifício da mente como fortaleza da fé. Por fim, por meio da beleza da moralidade, pinte o edifício com uma belíssima mão de cor” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. VI c. 3 § 8).

Portanto, ao estudante é necessário instruir-se e informar-se. Dessa forma, a leitura é fundamental para formação humana e ao realizá-la é necessária que seja num ambiente propício, permitindo compreender o que as palavras querem transmitir, ou seja, é preciso que ela seja silenciosa e meditativa.

Leia, portanto, e aprenda que “no começo Deus fez o céu e a terra”. Leia que no começo plantou “um paraíso de delícia, no qual pôs o homem que havia formado”. O expulsou quando pecou e o fez cair nas amarguras deste mundo. Leia como toda a linhagem do gênero humano descendeu de um só homem (L. VI. c. 3 § 9). Quero, todavia, que você saiba estudante, que este estudo exige não sentidos lerdos e idiotas, mas mentes maduras, que deve possuir sutileza na investigação sem perder a prudência no discernimento. Esta é uma comida forte que, se não for mastigada, não pode ser engolida. É necessário, portanto, utilizar-se de um equilíbrio tal, que você, sendo sutil na pesquisa, não seja considerado temerário nas conjecturas (HUGO DE SÃO VITOR, 2001. L. VI. c. 4 § 2).

Evidencia-se assim, que a leitura permite compreender todas as coisas, desde a criação do mundo até a formação humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura é importante para nossa formação principalmente porque permite compreender outros tempos distintos do nosso. Ela também nos faz refletir, desenvolver o senso crítico, sempre valorizando a opinião de todos, além de possibilitar conhecer a história de cada período, buscando entender nossa origem, nossa história.

Nesse sentido, a leitura é um caminho que deve ser percorrido por aqueles que querem adquirir o saber, mas para torná-la importante, é fundamental ter método e organização para estudar. Portanto, a obra *Didascálicon*, proporcionou e

proporciona as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimento ao invés de apenas ler mecanicamente. Assim, o estudo diz respeito ao conhecimento em si, no qual se relaciona com a importância da leitura como fonte de sabedoria e o vincula-se a possibilidade de pensar, sempre, em mudanças educacionais, distintas da nossa.

Hugo de São Vitor expõe que é preciso meditação, dedicação, disciplina e método para realizar a leitura, para alcançarmos à sabedoria, que para ele é a *Sapiência*. Isto é, a *Sapiência* ilumina o homem a percorrer um caminho certo para alcançarmos o saber por meio da leitura. Com isso, o conhecimento deve ser do todo, de forma profunda, sendo esta a condição para que possamos estar preparados para transmitir o que aprendemos.

A obra de Hugo de São Vitor foi importante para seu período e também é para atualidade, por auxiliar a entender como a leitura é um modo de viver e este viver possibilitar alcançar o conhecimento. Além de se ter uma visão diferente e consciente diante das situações do nosso tempo presente. Assim, ao praticar a leitura é preciso saber o que ler, em que ordem ler e como se deve ler.

Dessa forma, para o Mestre Vitorino o ato de ler é um modo de viver um afeto de amizade, um ato moral e social. Com isso, a obra *Didascálicon: Da arte de Ler* foi o livro no século XII que representou para a educação, a aurora de novos dias na Europa e na história, até os dias atuais.

## REFERÊNCIA

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP (FEU), 1999.

DUBY, Georges. **Guerreiros e camponeses**: Os primórdios do Crescimento Econômico Europeu do século VII ao século XII. Tradução de Elisa P. Ferreira. Lisboa: Editora Estampa 1980. P. 85 – 288.

GUIZOT, F. **Formação do Terceiro Estado - as comunas**: coletânea de textos: François Guizot, Augustin Thierry e Prosper de Barante. Organizadores Terezinha Oliveira e Claudinei M. M. Mendes. Eduem: Maringá, 2005.

LE GOFF, J. **O apogeu da cidade medieval**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

OLIVEIRA, Terezinha. O livro e a leitura no século XII: Didascálicon e o ensino cidadão. **Educação na História**. Organizadoras: Maria Cristina Gomes Machado, Terezinha Oliveira. São Luis, MA: Editora UEMA, 2008. p.17-30.

PIRENNE, H. **As cidades da Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.

\_\_\_\_\_. **História Econômica e Social da Idade Média**. São Paulo: mestre Jou, 1968.

SÃO VITOR, Hugo de. **Didascálicon**: Da arte de ler. Tradução: Antonio Marchionni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.